

Até que ponto circulou na colônia o *Correio Brasiliense*, até que ponto cumpriu a sua finalidade doutrinária de influir na opinião, até que áreas da opinião influenciou, são problemas mais ou menos difíceis de elucidar. Durante um ano, ao que parece, hesitou o embaixador português em Londres, D. Domingos de Sousa Coutinho, em comunicar às autoridades que representava a existência do jornal. Fê-lo, finalmente, em ofício secretíssimo de 20 de junho de 1809: “Como assunto da mesma delicadíssima natureza me resolvo enfim fazer chegar à presença de Sua Alteza Real, se o mesmo Senhor assim o permitir, um papel que eu desejaria que nunca tivesse saído à luz do dia, e que há perto de um ano que estou indeciso se o devo mandar ou não”. Esse papel era o *Correio Brasiliense*.

Ignorariam antes as autoridades do Rio de Janeiro a existência do jornal? Teria ele chegado ou não aos seus leitores aqui? Claro que há um ano chegava ao Brasil, era lido e comentado, e chegava também a Portugal. Que, depois do aviso do embaixador luso em Londres, chegava e influía, é fácil comprovar com depoimentos insuspeitos da época. Em junho de 1809, organizando lista diplomática cifrada, para uso daquele mesmo embaixador, as autoridades do Rio de Janeiro nela incluíam o nome de Hipólito da Costa, entre cem outros, reis, generais, funcionários. Em 1810, o referido embaixador voltava a informar sobre o *Correio Brasiliense*, mencionando que o jornal era largamente lido em Londres pelos portugueses que ali residiam — numerosos desde a invasão napoleônica na península — e mesmo por aqueles que ali iam a negócios, e ainda por comerciantes ingleses que tinham correspondentes no Brasil e em Portugal, e que assinavam o jornal e o remetiam a esses correspondentes, o que é bastante elucidativo. Segundo o barão d'Eben, a circulação em Portugal se tornava cada vez maior. Essa afirmação seria confirmada, em 1817, pelo encarregado de

ro, e primeiro livre da censura portuguesa, circulou de 1º de junho de 1808 a dezembro de 1822, impresso na oficina de W. Lewis, em Londres, saindo regularmente todos os meses, num total de 175 números, de 96 a 150 páginas in 8º, formando 29 volumes. Trazia abaixo do título os versos de Camões: “Na quarta parte nova os campos ara/E se mais mundo houvera lá chegara”. Dividia-se em seções: *Política*, contendo documentos oficiais, nacionais e estrangeiros; *Comércio e Artes*, com informações sobre o comércio nacional e internacional; *Literatura e Ciências*, com informações científicas e literárias, livros e sua crítica; *Miscelânea*, com matéria variada, informações do Brasil e de Portugal e até polêmicas; *Reflexões*, sobre as novidades do mês, com os comentários dos acontecimentos recentes; e *Correspondência* que inseria as comunicações recebidas, às vezes anônimas, às vezes sob a responsabilidade de estranhos, com os próprios nomes ou pseudônimos. O jornal não se ocupava de acontecimentos ou problemas internos da Inglaterra, mas destacava sempre uns e outros, quando, no plano internacional, diziam respeito a Portugal ou ao Brasil. Refletia nos seus comentários a posição da burguesia inglesa que, no processo de autonomia da área americana de ocupação ibérica, era uma em relação à Espanha e outra em relação a Portugal, de cuja subordinação se esperava sempre soluções dos problemas de interesse britânico sem quebra da aliança.